

ENTREVISTA:

MARCO LUCCHESI

Marco Lucchesi é um exemplo do poder da vontade de fazer cultura, mesmo em tempos pouco propícios. Aos 37 anos, exhibe uma obra invejável, fruto de um esforço permanente de produção em várias áreas. Professor de literatura italiana na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Lucchesi é um intelectual de vasta leitura e obra múltipla. Como o saudoso Otto Maria Carpeaux, transita pelas principais literaturas européias, incluindo a russa. Como criador, publicou vários livros de poesia, em português e italiano, entre eles *Poemas reunidos* (Record, 2001) e tem no prelo um romance. Tem participado ativamente do debate cultural através de resenhas e notas na imprensa, material este que foi recolhido em *O sorriso do caos*, onde mostra a sua argúcia crítica e seu conhecimento não apenas da literatura, mas das artes e da música. Seu interesse pelo misticismo e pela literatura árabe, levou-o a repetidas viagens pelo mundo muçulmano, de que resultou o livro *Os olhos do deserto*, onde se mesclam memórias de viagem e meditação poética. Lucchesi, atual diretor da revista *Poesia sempre*, da Biblioteca Nacional, foi responsável também pela edição de dois importantes clássicos da literatura italiana: *Jerusalém Libertada* (Topbooks, 1998) e *Giacomo Leopardi – poesia e prosa* (Nova Aguilar, 1996). Como tradutor, Lucchesi pertence a essa nova geração que, tendo assimilado a poética tradutória concretista, ensaia passos próprios nos mais diferentes gêneros e autores. Assim, traduziu romances de Primo Levi e Umberto Eco, e enfrentou, também vitoriosamente, a selva escura da *Scienza Nuova*, de Vico, e as sutilezas e ambigüidades de uma série de poetas extraordinários como Rûmî, San Juan de la Cruz, Hölderlin e Khliébnikov.

Cadernos de Tradução: *Como surgiu em você a vontade de traduzir? Você se inspirou em algum escritor-tradutor?*

Marco Lucchesi: A vontade me antecedeu. Vivi desde pequeno – sonhando, pensando, brincando – num meio bilíngüe, toscano-carioca: a tradução foi para mim como que um processo afetivo. Uma forma de amar. Ou de sobreviver. Anfíbio de duas culturas, era preciso conhecê-las uma na outra. Por isso, tornei-me um espelho de duas tendências. E muitas páginas e imagens para lograr uma parte de meu rosto... Filho único, apaixonado pelas ondas curtas, escrevi desde muito cedo (dez, onze, doze anos), para as rádios que ouvia em outras línguas... Minha primeira tradução – séria – foi a de São João da Cruz. Estava com dezesseis anos, e a música era a minha força (o piano edipiano). O *cântico espiritual* foi a primeira composição. Deixei o piano visível (ou quase) pelo piano invisível da poesia...

CT: *Em que a Internet afetou sua forma de trabalhar com tradução?*

Marco: Comecei a utilizar a Internet quando não passava de um fato quase místico no Brasil. A conexão era um milagre, os sites estavam todos em construção, os comandos eram árdusos e o ciberespaço não passava de uma promessa. Naveguei cedo e dei uma longa entrevista para o *Jornal do Brasil*, em 1994, sobre Borges e a Internet. Hoje ela se transformou numa enciclopédia vastíssima, além de favorecer o diálogo entre as partes, como se viu poucas vezes. A rede tornou-se uma ferramenta indispensável. Guardo, com Virílio, minhas resistências. Mas hoje não se pode dispensar todas as formas de acervo disponível.

CT: *Você poderia descrever um dia típico de trabalho seu?*

Marco: Os meus dias são atípicos. Às vezes quase irrealis... Os livros e as partituras. À noite o meu caro telescópio, especialmen-

te nos meses de verão e de inverno. Xadrez de estrelas. Xadres de palavras. Mas sou diurno ao escrever ou traduzir. Eminentemente diurno. Atraído pela luz, como as mariposas. Tão efêmero quanto. E obstinado. A leitura como um vício. Sem saída ou escapatória. As aulas na Universidade. Minha correspondência com os amigos do Brasil, das capitais e dos interiores, dos desertos e do Velho Continente. Antenas ligadas, sempre. A translação como princípio. Ou sonho...

CT: *Como você vê a teoria e a crítica de tradução? Você acha que a teoria e a crítica podem ajudar os tradutores em seu trabalho prático?*

Marco: Mas claro. E sempre. E muito. O caso de Leopardi é essencial. O de Dante. O de Rilke. É preciso terminar com esse combate inglório entre práticos e teóricos. Em que momento será possível estabelecer uma diferença tão intensa. Mas não há dúvida que muitos se sentem melhor traduzindo – e aí realizam implicitamente sua *Aufgabe*. Outros, porém, preferem conceitos e analogias. No meu trabalho as duas formas convivem, como na práxis da teoria marxista. Não me vejo feliz sem incluir essa atitude ambígua ou complementar. Além disso, como escrevi em *Teatro alquímico*, considero que a tradução e a alquimia coincidem. Retortas e Dicionários. Verbos e Pelicanos. Sais e Ácidos. Tudo colabora para se chegar à pedra filosofal. E como a pedra e a tradução finais mostram-se impossíveis, o bom “tradutista” sabe que o processo é mais importante do que o resultado. Onde a impossibilidade da divisão. O ouro entressonhado. A página desejada. Tudo é espera...

CT: *Quando você considera um texto traduzido seu pronto?*

Marco: Nunca... É uma tortura. Parece que Babel ruiu sobre a minha cabeça. E o fenômeno kantiano me prende em suas redes.

Mas o Anjo insiste. Quer a equivalência impossível. A palavra perdida. E dias e mais dias de insônia. A tradução para mim é um processo físico tremendo. Por isso, resolvi acabar com o tradutor que me habita, antes que ele acabasse comigo. Procuro um afastamento da Pedra. E da Palavra. Um comigo sem mim... Uma tré-gua, afinal. Costumo dizer (mas é um chiste) que mandei uma carta registrada para mim mesmo, com aviso de recebimento, onde declaro para mim mesmo: Eu, Marco Lucchesi, prometo, de agora em diante, não traduzir etc etc... Foi minha mais desesperada tentativa de silêncio...

CT: Para quem percorre um caminho que se insere no e extrapola o acadêmico – como autor de poesia, memória, ficção, ensaio, artigo, tradução – a pergunta: “scrittori/traduttori si nasce o si diventa?” e ainda: é possível ensinar/aprender a traduzir/escrever?

Marco: Essa pergunta me domina. E as certezas fogem. Nesse aspecto, contudo, acho que podemos aperfeiçoar tendências. Descobrir melhores endereços. *Si nasce*, é bem verdade. Mas também *si diventa* nietzscheanamente. Com intensidade. Com desespero. Com adesão.

CT: Você relacionaria sua própria trajetória intelectual a algum modelo humanista, iluminista, babélico ou surrealista?

Marco: Um transhumanismo. Tenho Argos como modelo. E gosto de cultivar mil olhos. Míopes e astigmáticos. Mas, ainda assim, olhos. Um gesto de arrogância, talvez. Uma leitura oblíqua. Um apelo de esquinas e cruzamentos. A interdisciplinaridade. Surprender nos olhos de Monna Lisa um fractal. As razões do amor em Dante. Ou na escritora Vizania Amezcu. Todas as formas do Amor, que movem o conhecimento, as estrelas, as páginas incertas do livro do mundo. Ou tudo. Ou nada.

CT: *Com a recente publicação do último romance de Eco – tradução sua – você poderia colocar para Cadernos como foi lidar com Baudolino? Ter sido o tradutor da Ilha do dia anterior representou o estabelecimento de um elo tradutor/autor no que concerne a linguagem, uma espécie de “délàvu” ou constitui um novo encontro Lucchesi-Eco?*

Marco: Quando me encontrei com Eco, em Bolonha, janeiro de 2001 (com o qual mantive uma correspondência bissexta, mas cordialíssima, desde 1994), uma de suas perguntas foi: “como você fez com o primeiro capítulo de *Baudolino*?”... Ao que lhe respondi: “quem veio de uma escola como *A ilha do dia anterior*, resolver aquele primeiro capítulo seria uma coisa árdua, mas não impossível”... Traduzi a *Ilha*, a partir de suas questões estruturais, seguindo uma tessitura musical, como diria mais tarde Luciano Berio. Em termos de erudição, foi uma de minhas tarefas mais espinhosas... O que me custou muitas horas no computador e insônias acumuladas. Um terror. Com *Baudolino*, ao contrário, foi a leveza quem mais colaborou. Difícil também. Estamos ainda com Eco. Mas um sorriso especial atravessa o romance. Eco esqueceu de ser Eco. E o tradutor de que era tradutor. Acho que se trata de dois encontros irreduzíveis. Fiz umas doze versões do primeiro capítulo. E o livro foi traduzido em Itacoatiara, Niterói. Dois meses na Itália. E uma semana no Irã... Uma Odisséia. Da leveza... De uma quase alegria...

CT: *Será que no processo tradutório você tenta atingir à língua/ linguagem perfeita?*

Marco: Claro. Não há dúvida. Por mais que a teoria me prove o contrário. Por mais que eu me convença dessa impossibilidade. Isto seria possível nas idéias de Leibniz, da língua *characteristica universalis*, ou nos sonhos generosos de Zamenhoff. Sei disso tudo. Sei que o processo é melhor que o resultado. Mas quero a pedra. O

resultado. O ouro... Esse olhar ambíguo faz da tradução um processo árduo. E terrível...

CT: *Que seria para você um tradutor profissional? Você se considera um tradutor profissional?*

Marco: Considero a existência de duas classes de tradutores. O tradutor mozartiano e o tradutor dostoiievskiano. Faço parte da segunda categoria. Nada solar. Nada harmoniosa. Considero-me um tradutor torturado. Não passo, portanto, de um tradutor pós-tumo, como o príncipe Míchkin, ou o terrível Rogójin. Apesar de traduzir muita coisa, não me considero um tradutor profissional. Mas diletante – no melhor sentido da palavra.

CT: *Se você tiver que conceituar a tradução, e particularmente a tradução de poesia, como a definiria?*

Marco: Como a tradução sinfônica por excelência. A mais atraente. E perigosa. A mais difícil. Nela comecei... E sua sedução é perene. Se eu tivesse de escrever um antecurriculum de minhas traduções, que o fogo devorou literalmente, eu poderia citar uns sete cantos do Paraíso. Caligramas de Apollinaire. Fragmentos de Safo. Os *canti orfici*, de Dino Campana. Trechos de *Evgeni Oniéguin*. Outros, do *Fausto*. O primeiro Canto dos *Argonautas*... Donde se vê que a dificuldade da tradução poética (a que vivo) se impõe com sua lei de fogo e silêncio. Como se vê sou melhor antitradutor do que tradutor. A lista é bem maior...

CT: *Na biografia que você enviou aos Cadernos, você se descreve como poeta, escritor e ensaísta. O fato de ter omitido o seu papel como tradutor significaria que não se considera um tradutor?*

Marco: Sou tradutor. No sentido mais amplo. O da infância. O da literatura. Acho que foi um ato falho. Ou uma necessidade de pre-

servar ou evidenciar outros processos, outros fluxos de minha produção. Talvez a condição poética (e não necessariamente a de poeta) responda melhor pelos caminhos que vou trilhando em sendas inexistentes. Mas não renego minha condição. Meus fantasmas seguem outros rumos...

CT: *De onde surgiu o seu interesse pela língua árabe a ponto de escrever poemas nessa língua “áspera”, como você a caracteriza em Os olhos do deserto?*

Marco: Esta pergunta mereceria uma resposta enorme. Ela foi anunciada em dois livros meus: *Saudades do paraíso* e *Os olhos do deserto*. Agora mesmo acabei de organizar um livro sobre o Islã onde falo de meu *jihad* (e a tradução é uma de suas partes). É preciso dizer que não sou muçulmano e que estou mergulhado em minhas tradições mediterrâneas etc etc, que aprecio imenso a cultura judaica, mas o fascínio da língua árabe, com sua escritura fabulosa e com o seu sentido áspero e intenso ainda me comove... Uma erótica da escrita. Língua de flechas e de arqueiros. De místicos e poetas. Depois a estética do Islã, que considero igualmente maravilhosa. Viajei muito pela África do Norte e Oriente Médio. Amo a diferença. E a literatura que me vem dessas bandas ainda e sempre e tanto desejadas... E os livros de Massignon. E minha amizade com meu irmão Paolo dall'Oglio. E minha escolha pelos excluídos, como os romeiros do padre Cícero, em Juazeiro, curdos e palestinos. Minha pátria, todas as pátrias...

CT: *Como você concilia a sua atividade de tradutor com a de autor?*

Marco: Concílio e desconcílio. Presença visível e invisível. Dizendo e não dizendo. Às vezes é preciso separar bem as instâncias. Outras muitas, é preciso integrá-las. Mas hoje é tudo física quântica. O observador interfere. O tradutor cria. O autor traduz... Mas

não procuro melhorar Goethe ou Shakespeare. E aposto nas leis do invisível para fazer com que falem em português... Tudo como esperança. Vigorosa. E desafio...

CT: Leopardi afirmou que “solamente un poeta può tradurre un poeta”. Você concorda com isso? Você traduziu ao português alguns de seus poemas escritos em árabe. Como foi essa experiência?

Marco: Como você sabe, minha poesia é bilíngüe, português e italiano... Agora mesmo lancei pela editora Maria Pacini Fazzi meu livro *Lucca dentro*... E você nota em *Poemas reunidos*, que algumas vezes faço algumas traduções de meus poemas... do italiano ao português e vice-versa... Mas é curioso ver o que aconteceu com os poemas árabes... Eles nasceram no Líbano e na Síria... Foram lidos num café. Corrigidos mais tarde. E a primeira tradução deles veio em italiano. Uma língua tão áspera de um lado e de outro tão melodiosa. Amo as duas em complemento e suplemento. No entanto, em português, a tradução não foi rigorosamente praticada como para o italiano. Não consegui traduzir do árabe ao português... O que fiz então? Para enganar o autor (ou seja a mim mesmo), fiz um comentário, uma paráfrase, que é tudo o que não se deve fazer com uma tradução. Aqui fui um *traditore* escancarado. Fiz comigo o que não faço com os textos que me atraem. Veja os poemas em que falo de um gato em Damasco. Ou de minha chegada ao mosteiro de Mar Musa... Eu me descumpri. Mas me tornei mais leve... Pela primeira vez me vinguei do ditado italiano e o pratiquei escancaradamente contra mim... Maktub!

APÊNDICE

Publicações

Poesia:

Poemas reunidos, Record, 2000, poemas em português (80 por cento) e italiano (20)

Alma Vênus. Niterói, CIF, 2000. 50 exemplares. Fora do comércio.

De Passione. Niterói, CIF, 2000. 50 exemplares. Fora do comércio.

Poesie (em italiano). Roma, Grilli, 1999. Prêmio Cilento, 1999 e Prêmio Marcello Binacchin, 2000.

Bizâncio. Com prefácio de Foed Castro Chamma e orelhas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro, Record, 1998. Finalista do Prêmio Jabuti, 1999.

Lucca Dentro (em italiano).

Memória:

Saudades do paraíso. Com prefácio de Ivo Barroso e orelhas de José Castello. Rio de Janeiro, Lacerda, 1997.

Os olhos do deserto. Com prefácio de Per Johns e orelhas de Michel Maffesoli. Rio de Janeiro, Record, 2000.

Ficção:

“Theatrum Chemicum” (conto) in *Teatro alquímico*, Rio de Janeiro, Artium, 1999.

As estações (romance), a sair.

Roteiro:

A Divina Comédia, vídeo de Adriana Varella sobre espetáculo de Regina Miranda. Rio de Janeiro, 1992.

Ensaio:

Teatro alquímico. Com orelhas de Andrea Lombardi. Rio de Janeiro, Artium, 1999. Prêmio Eduardo Frieiro da Academia Mineira de Letras, 2000.

O sorriso do caos. Com orelhas de Luciana Villas-Bôas. Rio de Janeiro, Record, 1997. Indicado ao Prêmio Jabuti, 1998.

A paixão do infinito. Com prefácio de Antonio Carlos Villaça e orelhas de Nise da Silveira. Niterói, Cromos, 1994.

Breve introdução ao inferno de Dante: poesia e teologia. Com prefácio de José Inaldo Alonso e orelhas de Antonio Carlos Villaça. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, 1986.

Mitologia das platéias. Niterói, Setembro, 1987.

Tradução:

Poemas de Juan de la Cruz, com introdução. Rio de Janeiro, Lacerda, 2000.

A sombra do amado: poemas de Rûmî, organização, introdução e notas. Com orelhas de Leonardo Fróes. Rio de Janeiro, Fisis, 2000.

A ciência nova, de Giambattista Vico, introdução e notas. Rio de Janeiro, Record, 1999. Indicado ao Prêmio União Latina de Tradução Científica e Técnica, 2000.

Presto con fuoco, de Roberto Cotroneo. Rio de Janeiro, Record, 1998.

Esboço do julgamento universal, de Vittorio Alfieri, com introdução. Rio de Janeiro, Lacerda, 1997.

A trégua, de Primo Levi. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Poemas à noite (Georg Trakl e Rainer Maria Rilke), com introdução e notas. Com orelhas de José Mário Pereira. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996. Prêmio Paulo Rónai, da Biblioteca Nacional, 1996.

Um combate e outros relatos, de Patrick Süskind. Rio de Janeiro, Record, 1996.

A ilha do dia anterior, de Umberto Eco, com introdução e notas. Rio de Janeiro, Record, 1995. Finalista do Prêmio Jabuti, 1996.

Poemas de Khliébnikov, organização, introdução e notas. Com prefácio de Antonio Carlos Villaça, orelhas de Fernando Py, e uma ilustração de Patrícia Burrowes. Niterói, Cromos, 1993.

Faces da utopia (Trakl, João da Cruz, Hölderlin e Quevedo). Com prefácios de Müller-Bochat, José Lívio Dantas e Luis Antonio Pimentel e orelhas de Angelo Longo. Niterói, Cromos, 1992.

Poemas de *O doutor Jivago* (a sair).

Baudolino, Umberto Eco, Rio de Janeiro, Record, 2001.

Edição e organização:

Revista “Poesia Sempre” n°. 10, dedicada à poesia russa, organização, introdução, notas e tradução da Antologia Russa. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1999.

Revista “Poesia Sempre”, dedicada à poesia mexicana, organização, introdução, notas e tradução da Antologia Mexicana. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

Jerusalém libertada. Com orelhas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Giacomo Leopardi - poesia e prosa. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996.

Artaud, a nostalgia do mais, com Nise da Silveira, Milton Freire, Marco Lucchesi e Rubens Corrêa. Rio de Janeiro, Numen, 1989.

Viagem a Florença. (a sair).

Sermões do Padre Vieira. (a sair)

Participação em livros:

Ao operário do canto: 13 pequenos ensaios em homenagem a Geir Campos. Rio de Janeiro-Niterói, DNL/FBN, EDUFF, 1999.

Poesia (e) Filosofia; Alberto Pucheu (org). “Os céus da poesia”. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

Feminino/Masculino: no imaginário de diferentes épocas; Eloá Jacobina e Maria Helena Kühner (org). “As bodas místicas”. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

Viers pordenon et il mont. Nico Naldini (org). “L’utopia dei tropici”. Pordenone, 1998.

Forum Deutsch. “Das Verlorene Paradigma”. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

O doutor jivago, Record para 2001 em colaboração com Zoia Prestes, ela a prosa, eu os poemas finais.